

“O que é jornalismo?” - Perceções de estudantes de jornalismo no século XXI

“What is journalism?” - Perceptions of journalism students in the 21st century

https://doi.org/10.14195/2183-5462_37_11

Anabela Sousa Lopes

Instituto Politécnico de Lisboa. Escola Superior de Comunicação Social

Instituto de Comunicação da NOVA – ICNOVA

alopes@escs.ipl.pt

Cláudia Silvestre

Instituto Politécnico de Lisboa. Escola Superior de Comunicação Social

Business Research Unit – BRU-IUL

csilvestre@escs.ipl.pt

Maria José Mata

Instituto Politécnico de Lisboa. Escola Superior de Comunicação Social

Instituto de Comunicação da NOVA – ICNOVA

mmata@escs.ipl.pt

Resumo

Neste artigo analisamos, interpretamos e discutimos os resultados de uma pesquisa realizada no ano letivo de 2019-2020, cujo objetivo foi o de captar as perceções de estudantes de licenciatura e de mestrado em jornalismo, da Escola Superior de Comunicação Social (ESCS), sobre o campo jornalístico, no presente, mas também perspetivado no futuro. Esta pesquisa e a reflexão suscitada inserem-se num projeto de trabalho mais alargado que contemplará outras instituições de ensino e ofertas formativas similares. Está estruturada em três dimensões: diagnóstico, intenções e expectativas. Na primeira, as perguntas focam a perceção do aluno sobre o que é o jornalismo atualmente e o seu papel na sociedade; a segunda refere-se ao modo como os alunos projetam a sua intervenção no debate público como futuros jornalistas e/ou investigadores académicos; a terceira dimensão desafia os alunos a enunciar expectativas sobre o jornalismo que surgirá das convulsões do espaço público, político e cívico. O artigo apresenta as perceções dos estudantes sobre tópicos fundamentais que sustentam as respostas à pergunta que tem norteadado várias pesquisas académicas e que dá título a uma das mais conhecidas obras de Nelson Traquina: “O que é jornalismo?”, obra que aqui se assume como base de referência teórica.

Palavras-chave

estudantes de jornalismo; perceções; expectativas; jornalismo contemporâneo

Abstract

In this article, we analyse, interpret and discuss the results of a survey carried out in the academic year of 2019-2020, whose aim was to capture the perceptions of School of Communication and Media Studies undergraduate and master journalism students about the journalistic field. This research is part of a broader work project that includes other institutions and similar courses. It is structured in three dimensions: diagnosis, intentions and expectations. In the first, the questions focus on the student's perception of what journalism is today and its role in society; the second refers to the way in which students project their intervention in the public debate as future journalists and / or academic researchers; the third dimension challenges students to point out expectations about journalism that arises from the upheavals of the public, political and civic space. The article presents students' perceptions of fundamental topics that support the answers to the question that has guided various academic's researches, and which gives a title to one of Nelson Traquina's most known works: "What is journalism?". We will assume this work as the main theoretical frame.

Keywords

journalism students; perceptions; expectations; contemporary journalism

Introdução

Passaram-se quatro décadas após a criação da primeira licenciatura em estudos dos media em Portugal – inicialmente designada em Comunicação Social, na Universidade NOVA de Lisboa, em 1979. Uma das vertentes do curso era precisamente a área do Jornalismo, contudo “o primeiro curso que optou pela designação de Jornalismo data de 1993 e foi implementado na Universidade de Coimbra” (Sousa, 2011, p.3). Hoje, a maioria dos jornalistas portugueses (67,2%) passaram pelo ensino superior (Miranda e Gama, 2019), o que significa uma mudança notável, não apenas no caminho para ingressar na profissão, mas também na maneira de pensar e praticar o jornalismo. O pensamento dominante sobre o jornalismo será bem diferente daquele que Nelson Traquina lembra, a propósito da criação da Escola de Jornalismo na Faculdade Católica de Lille, em 1924. Defrontavam-se “três opções pedagógicas em França: os discípulos da tarimba, os defensores de uma formação profissionalizante insistindo nas aprendizagens técnicas e os partidários de uma formação intelectual fundamental” (Traquina, 2002, p.69).

Em Portugal, o jornalismo no ensino superior tem vindo a caminhar no sentido de fazer confluir a dimensão reflexiva e a dimensão da *praxis* jornalística nos planos de estudos dos cursos de Ciências da Comunicação/Jornalismo. E esse é um percurso comum aos dois subsistemas, universitário e politécnico, cuja distinção existe legalmente, mas que não se reflete substantivamente nos planos de estudos e na percepção que os estudantes, nomeadamente, têm sobre eles¹. Ainda assim, Pedro Coelho defende que essa distinção é uma realidade.²

¹ Cf. Marinho, Sandra (2015). Jornalismo e Formação em Mudança: Modelos e Construções na Análise do Caso Português, pp.448 e 449.

² Ainda sobre a distinção entre o ensino universitário e o ensino politécnico, e num sentido

Também o espectro de abordagem das pesquisas académicas se tem alargado, devedor das mutações mediáticas das últimas décadas. Contudo, os trabalhos de investigação produzidos pela academia portuguesa sobre diferentes vertentes do jornalismo – rotinas produtivas, valores éticos, relação do jornalismo com a democracia, ensino do jornalismo, entre muitas outras – não incluem, na sua grande maioria, a expectativa dos estudantes sobre o seu futuro enquanto jornalistas. Essa fase de formação académica, prévia ao exercício da profissão, tem projetado questões que se relacionam maioritariamente com a perceção dos diferentes atores – estudantes, docentes e jornalistas – sobre o ensino do jornalismo, o mercado de trabalho, a caracterização socioprofissional dos jornalistas, os valores do jornalismo. (Marinho, 2015; Coelho, 2013; Rebelo, 2011; Garcia, 2009; Fidalgo, 2001; Pinto e Sousa, 1999).

A nível internacional, destacamos as pesquisas de Mellado et al., 2013, que comparam sete países no que respeita à perceção dos estudantes de jornalismo sobre os valores da profissão; Nygren et al., 2010, que elegeram três instituições universitárias russas e três suecas num estudo comparativo que se centra nos valores do jornalismo, em particular na liberdade de imprensa; Blaagaard, 2013, que coloca no centro da pesquisa o conceito de objetividade para recolher as opiniões de estudantes de jornalismo sobre o jornalismo do cidadão e o futuro do jornalismo profissional; Ana Milojevic et al., que desafiaram os estudantes de jornalismo da Universidade de Belgrado a pronunciarem-se sobre o seu futuro no jornalismo, entendido como sistema, profissão e cultura. Com ângulos e metodologias diferentes, estas pesquisas convocam os estudantes a inscrever as suas vozes no campo da reflexão sobre os desafios do jornalismo contemporâneo, que está emoldurado por uma nova ecologia dos media, que o constrange de várias formas. A pressão do tempo, por exemplo, nunca foi tão evidente, o que leva à publicação de informações erradas, causando danos significativos à opinião pública. Os futuros jornalistas estão cientes desse impacto? Como entendem a sua responsabilidade como agentes de mudança? Qual o seu olhar sobre um cenário frequentemente traçado “a negro”, tanto por jornalistas quanto por académicos, no que respeita a reconfigurações de redações, precariedade de contratos de trabalho, interesses económicos de poder, redução de tempo e espaço para reunir e tratar informações? E como pretendem lidar com essas restrições?

O nosso artigo propõe-se como um contributo para a extensão do conhecimento sobre as preocupações, inquietações e reflexões dos estudantes de jornalismo sobre o presente, mas também sobre o futuro de um campo repleto de incertezas.

Esse contributo tem como base um estudo localizado na Escola Superior de Comunicação Social, do Instituto Politécnico de Lisboa – estudo esse que integra um

diferente das considerações de Sandra Marinho, sugere-se a leitura da tese de doutoramento de Pedro Coelho (2014), intitulada “A formação académica para o jornalismo do século XXI: sobre questões de prática e técnica. Jornalismo e mercado - os novos desafios colocados à formação”. Na pág. 532, o autor defende que “os cursos universitários e politécnicos estabelecem a comunicação como eixo central do plano de estudos, mas o papel que esta exerce, em cada um deles, é diferente. No caso dos cursos politécnicos, a comunicação associa-se diretamente à prática profissional, atribuindo-lhe significado; nos cursos universitários, a comunicação produz a síntese das influências das humanidades e das ciências sociais e transporta esses resultados para a variante profissional, tornando-a mais reflexiva”. Na nossa perspetiva, a existir esta diferença, importaria demonstrar de que forma ela se traduz no exercício da profissão e na organização das redações dos órgãos de comunicação social portugueses.

levantamento mais vasto, alargado a outras instituições – incidindo nas respostas a um inquérito aos estudantes de jornalismo daquela Escola. A procura continuada de formação académica por parte dos futuros jornalistas coloca-os num patamar de observação fundamental para tentar perceber do que se fala quando se fala de jornalismo e qual a margem de intervenção que, como futuros profissionais, percebem ter nessa definição. O inquérito foi organizado em três grupos de questões, cada um deles explorando uma dimensão distinta: 1. a do diagnóstico sobre a profissão, tendo em conta a definição das práticas que lhe estão associadas, os valores que as sustentam e a projeção social dos jornalistas; 2. a das intenções que os estudantes percebem sobre o seu papel na sociedade quer como vigilantes dos poderes, quer como influenciadores, quer como contribuintes para o debate e para a investigação académica; 3. a das expectativas sobre hipotéticas mudanças de fundo no modo como se conceberá e praticará o jornalismo no futuro.

Enquadramento teórico

Pensar o jornalismo a partir de diferentes ângulos é um exercício académico recorrente nas salas de aula das faculdades de comunicação. Colocados perante reflexões teóricas, estudos de caso, projetos editoriais e práticas simuladas, os estudantes são, desde o início do seu percurso escolar, convidados a posicionar-se face à questão: “O que é o jornalismo”?

A definição, por si, é instável. Eduardo Meditsch (1997), há duas décadas, ensaiou a resposta a partir de uma outra pergunta: “O jornalismo é uma forma de conhecimento?”. Chamando a atenção para os prós e contras de conceber o jornalismo como mais do que um retransmissor de conhecimento, o autor acaba por responder afirmativamente à questão, enfatizando a “exigência sobre a formação profissional dos jornalistas, que deixam de ser meros comunicadores para se transformarem em produtores e reprodutores de conhecimento” (Meditsch, 1997, p.12). Esta exigência apontada por Meditsch cobre as sucessivas alterações a que o jornalismo foi sendo sujeito, colocando-o como mediador central da experiência social. O jornalismo assume hoje várias formas e é por isso que, como refere Barbie Zelizer, as diversas definições que dele tendem a ser formuladas têm tido de insuficientes como de úteis:

O jornalismo é um fenómeno que pode ser visto de várias maneiras - como um sexto sentido, um recipiente, um espelho, uma história, uma criança, um serviço, uma profissão, uma instituição, um texto, pessoas, um conjunto de práticas. Essas formas de pensar sobre o jornalismo sugerem vários caminhos pelos quais podemos abordar o jornalismo, a imprensa e os *media* noticiosos. Eles são úteis aqui porque cada um oferece uma maneira de pensar sobre como a imprensa poderia funcionar melhor do que hoje funciona. E ao considerar seu papel na democracia (...), não pode haver objetivo mais adequado. T.N. (Zelizer, 2005, p. 76)³

³ No original: “Journalism is a phenomenon that can be seen in many ways-as a sixth sense, a container, a mirror, a story, a child, a service, a profession, an institution, a text, people, a

Numa das suas obras mais emblemáticas – à qual “roubámos” propositadamente o título deste artigo – Nelson Traquina (2002, p.9) assume, igualmente, a dificuldade da tarefa: “É absurdo pensar que podemos responder à pergunta «o que é o jornalismo?» (...) Mas sejamos corajosos e tentemos”. Nessa tentativa de resposta vai desvendando, ao longo do livro, “certas questões-chave que são essenciais para a compreensão da actividade [sic]” (Traquina, 2002, p.18) tais como o seu enquadramento nas sociedades democráticas, a cultura e a identidade profissionais, a responsabilidade social dos jornalistas ou os contextos da produção noticiosa. “Poeticamente poder-se-ia dizer que o jornalismo é a vida contada nas notícias(...) em todas as suas dimensões, como uma enciclopédia” (Traquina, 2002, p. 9).

A fluidez da definição encontra eco quer no surgimento de novas formas de fazer e consumir notícias quer na falta de consenso e de diálogo na investigação académica (Deuze, 2005; Schudson, 2003; Zelizer, 2000), onde se cruzam saberes e perspectivas distintas.

Por princípio, o jornalismo estabelece um vínculo com a realidade – “a transgressão da fronteira entre realidade e ficção é um dos maiores pecados da profissão de jornalista” (Traquina, 2020, p. 10) - e coloca o bem público como estandarte da sua ideologia (Deuze, 2005, p.447), não prescindindo de valores como verdade, rigor, imparcialidade, objetividade. Os jornalistas devem produzir notícias de interesse público, esforçando-se por não permitir que os seus preconceitos interfiram nesse processo. Estes valores estão inscritos na generalidade dos códigos de ética profissional que orientam os jornalistas na sua prática diária. Como refere Traquina (2002, p.135), ser jornalista “implica a partilha de um *ethos* que vem sendo afirmado há mais de 150 anos. Mas, ser jornalista também implica crença numa constelação de valores, a começar pela liberdade”.

No centro da relação entre jornalismo e democracia coloca-se precisamente o conceito de liberdade. Daí que a existência de censura, seja ela inerente a regimes políticos autoritários, ou dissimulada nos interstícios das sociedades supostamente regidas por valores que sustentam a democracia, não possa ser compatível com a prática do jornalismo, livre, por definição. Os ataques ao jornalismo e à sua independência têm sido recorrentes nos últimos anos, inclusive em democracias ocidentais onde a liberdade de expressão e de imprensa era dada por adquirida. Face à realidade mundial, os jornalistas portugueses gozam hoje de uma liberdade significativa⁴, quase cinco décadas decorridas da instauração de um regime democrático, pese embora a degradação das condições laborais e a precariedade que atinge sobretudo os que estão a chegar à profissão, com os profissionais a chamarem a atenção para os riscos que daí decorrem para a sua independência e autonomia⁵.

set of practices. These ways of thinking about journalism suggest various routes through which we might approach journalism, the press, and the news media. They are useful here because each offers a way to think about how the press could work better than it does today. And in considering its role in democracy (...), there can be no more suitable aim.” (Zelizer, 2005, p. 76)

⁴ Portugal ocupa a 10ª posição (entre 180 países) na Classificação Mundial da Liberdade de Imprensa da organização Repórteres Sem Fronteiras relativa a 2020. Cf. <https://rsf.org/pt/classificacao#>

⁵ O *Estudo sobre os Efeitos do Estado de Emergência no Jornalismo no Contexto da Pandemia Covid-19*, desenvolvido pelo Centro de Administração de Políticas Públicas e pelo Insti-

Na notícia, a unidade definidora por excelência do jornalismo moderno, reside toda a força de uma atividade que pertence ao universo da comunicação, mas que não se limita a promover o diálogo entre diferentes agentes sociais; o jornalismo molda e condiciona o quotidiano, vigia os poderes, conduz a formação de opinião, tem implicações diretas na tomada de decisão dos cidadãos. Como tal, a independência e a autonomia são condição fundamental para o seu exercício.

Nesta cadeia de interdependências conceptuais, Traquina sublinha que a autonomia do jornalismo “é indispensável para garantir outro valor essencial para os jornalistas: a credibilidade” (Traquina, 2002, p.137). A falha, o erro, ainda que não intencionais, abalam profundamente a credibilidade do trabalho jornalístico. O jornalista esteve sempre exposto ao risco de ser enganado pelas suas fontes, de deixar escapar algum facto que numa investigação altera o sentido do todo, por isso não existe nada de verdadeiramente novo quando falamos na importância de fazer um trabalho aturado, que implica verificação e confronto de informações.

Contudo, com o fim da era do monopólio da informação detido pelo jornalismo, marcado pela utilização generalizada da Internet, o jornalismo tem percorrido um caminho árduo, competindo muitas vezes com variados fluxos de informação travestidos de jornalismo. A credibilidade é, hoje, um valor maior a proteger, aos olhos de públicos cuja literacia mediática e jornalística não é suficiente para destrinçar o que é informação veiculada por qualquer cidadão nas redes sociais, de jornalismo produzido com regras próprias, nomeadamente éticas e deontológicas. A manipulação da verdade é o fator inimigo da credibilidade e o campo jornalístico tem de continuar a combater todas as formas de desinformação – hoje, mais elaboradas tecnologicamente e com maior alcance nas comunidades - e a via mais eficaz será a de fazer bom jornalismo: com rigor, clareza, honestidade e até coragem.

Neste conjunto de aceções, a presença pálida do conceito de objetividade não significa a sua desvalorização, apenas a assunção da sua impossibilidade. Todavia, se epistemologicamente assim o consideramos – como valor a perseguir, ainda que inatingível – ele não desapareceu do discurso dos estudantes de jornalismo, estabelecendo-se uma equivalência entre objetividade e verdade. Em nenhuma das fases do trabalho jornalístico será possível obliterar o sujeito implicado – o jornalista mas, também, as fontes de que este se socorre – o que inviabiliza a presença da objetividade; similarmemente, a verdade, na sua complexidade poliédrica, não se esgota na materialidade dos factos e só existe enquanto versão dos sujeitos que sobre ela operam. Assim, Mário Mesquita acrescenta que, na relação do jornalista com o público, deverá estar implícita “uma «conduta de objectividade»

tuto de Ciências Sociais, da Universidade de Lisboa, pelo Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, da Universidade do Minho, e pelo Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX, da Universidade de Coimbra em parceria com a Comissão da Carteira Profissional de Jornalista, o Sindicato dos Jornalistas e a Sopcom (Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação), publicado em julho de 2020, dá conta da agudização da tendência de precarização e da perceção generalizada de retração em relação ao mercado e às progressões na carreira. (Camponez et. al, 2020). Esta situação já havia dominado as discussões no 4º Congresso dos Jornalistas, realizado em 2017, cuja resolução final enuncia, no seu primeiro ponto: “As condições em que se exerce hoje o jornalismo, pilar da democracia, comprometem o direito constitucional à informação, indispensável para o exercício pleno da democracia.” Resolução disponível em: <https://www.clubedejornalistas.pt/?p=13273>

que o distinga do ficcionista, do actor de teatro e de cinema, do relações públicas e do publicitário. Sem esse compromisso com o 'real', o jornalismo destrói a razão de ser da sua existência e dilui-se no vasto oceano dos outros géneros de comunicação" (Mesquita, 2003, p. 214).

Estas reflexões, que seguem a matriz da discussão, na academia e fora dela, sobre o que "é" ("pode" e "deve") ser o jornalismo, permitem-nos esboçar, a seguir, a auscultação dos estudantes, futuros jornalistas, sobre as suas percepções acerca do campo e da sua margem de intervenção nele. Essas percepções começarão por ser medidas para efeitos de diagnóstico, tendo em conta: os valores fundadores da ideologia profissional como a liberdade, a credibilidade e a obediência às normas de deontologia profissional; o reconhecimento social e profissional, traduzido pelo estatuto social, pela remuneração auferida e pela importância que o seu trabalho tem na tomada de decisão diária dos indivíduos; e as práticas profissionais, onde a dinâmica das redes é suscetível de alterar a forma como os jornalistas investigam e de instabilizar a distinção entre o que é produzido pelo jornalismo e por outras áreas da comunicação. Numa segunda dimensão, medimos as intenções da intervenção dos futuros jornalistas no espaço público, tendo em conta o potencial de influência e vigilância dos poderes que tradicionalmente é atribuído ao jornalismo e a possibilidade de contribuir para um diálogo mais efetivo entre profissionais e académicos. Numa terceira dimensão, procurámos medir as expectativas dos estudantes sobre: o fortalecimento ou enfraquecimento de valores tão arraigados à prática jornalística como a credibilidade, a autonomia, a independência e a objetividade; as condições de satisfação e de exercício da profissão, tendo ainda em conta indicadores específicos como o *stress* ou a retribuição salarial; e a relevância do jornalismo para a manutenção das democracias.

Metodologia

Tendo como pano de fundo o enquadramento teórico atrás referido, conduziu-se um estudo localizado nos estudantes de jornalismo da ESCS, partindo das seguintes hipóteses de trabalho:

- H1. Existe uma percepção distinta, por parte dos estudantes de jornalismo da ESCS, sobre o modo como se faz jornalismo hoje e como se fará no futuro;
- H2. Os estudantes de jornalismo da ESCS percebem uma perda de influência do jornalismo no futuro;
- H3. Os estudantes fazem um diagnóstico positivo da forma como o jornalismo preserva os seus valores;
- H4. A credibilidade e a objetividade são valores expectáveis de permanência no futuro;
- H5. A experiência jornalística prévia dos estudantes modifica a forma como percebem as práticas e o mercado de trabalho.
- H6. A percepção dos alunos quanto aos desafios do jornalismo contemporâneo difere consoante (a) serem alunos do 1º ou 3º da licenciatura e (b) estarem a frequentar a licenciatura ou o mestrado.

Para testar as hipóteses anteriormente mencionadas foi elaborado um questionário tendo por base outros estudos com objetivos semelhantes (ex. Robert G. Picard, 2015 e Gunnar Nygren, 2016). O questionário encontra-se dividido em quatro partes: (1) a caracterização do respondente, onde se questiona o género, a idade, a formação académica e profissional; (2) o diagnóstico aborda os valores, a relevância social e as práticas profissionais; (3) nas intenções pretende-se conhecer como o inquirido percebe a sua intervenção no debate público como futuro jornalista e/ou investigador académico; e também (4) as expectativas sobre que jornalismo(s) emergirá(ão) da desordem política e cívica do espaço público. No final do questionário foi criado um espaço de resposta aberta destinado a comentários, sugestões ou esclarecimentos.

Para avaliar a opinião dos respondentes sobre cada uma das dimensões de análise - o diagnóstico, as intenções e as expectativas - foram consideradas várias perguntas, todas numa escala de Likert de 5 pontos (1- Discordo totalmente; 2 - Discordo; 3 - Não concordo nem discordo; 4 - Concordo; 5- Concordo totalmente).

Para verificar a consistência e adequabilidade do questionário foi realizado um pré-teste, o que levou a fazer pequenos ajustes em algumas questões. A consistência interna do questionário foi avaliada através do coeficiente Alfa de Cronbach, as dimensões Diagnóstico e Expectativas apresentaram valores razoáveis, mas a dimensão Intenções não apresentou uma boa consistência interna. No alargamento deste estudo no futuro, já previsto, será necessário repensar o conjunto de perguntas a usar para avaliar corretamente esta dimensão.

O questionário foi distribuído a alunos de licenciatura e de mestrado em Jornalismo, da Escola Superior de Comunicação Social⁶, através da plataforma de disponibilização de questionário online - *Google Forms*. O *link* foi disponibilizado aos alunos por correio eletrónico, garantindo o anonimato das respostas. O questionário esteve disponível entre 25 de maio e 25 de junho de 2020.

A análise dos dados foi realizada recorrendo ao software estatístico SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) versão 26. Começou-se por fazer uma análise descritiva da amostra univariada e bivariada. Para se perceber se existiam diferenças entre grupos de estudantes, nomeadamente alunos do 1º ano *versus* 3º ano, alunos de licenciatura *versus* mestrado e alunos com experiência profissional *versus* sem experiência realizou-se o teste não paramétrico Mann-Whitney. A escolha deste teste deve-se às respostas serem expressas numa escala de Likert, por isso não serem quantitativas, e também por se pretender comparar dois grupos independentes.

Análise dos resultados

Um total de 94 alunos responderam ao questionário sendo 84 de licenciatura e 10 de mestrado; 54 são do género feminino e 40 do género masculino, com idades compreendidas entre os 19 e os 29 anos, sendo que a grande maioria, 82 alunos, têm entre 19 e 22 anos. Estes dados confirmam a realidade da ESCS, onde há mais

⁶ A amostra contempla o universo dos alunos inscritos nos diferentes anos destes cursos no ano letivo de 2019-2020. O período de recolha coincidiu com mudanças no regime de ensino, ditadas pela situação de pandemia de Covid-19, fator que dificultou a resposta dos estudantes.

alunos de licenciatura do que de mestrado, 216 (75%) e 73 (25%) respectivamente. A população é jovem, 181 (72%) alunos têm idades compreendidas entre os 18 e os 22 anos e é maioritariamente feminina, sendo 187 (65%) estudantes do género feminino e 102 (35%) do masculino.

As respostas dos alunos de licenciatura e mestrado distribuíram-se pelos vários anos: 31 do 1º ano, 22 do 2º ano e 40 do 3º ano. Quanto à experiência profissional, apenas 14 já trabalharam na área do jornalismo, sendo que metade destes teve 1 ano de experiência de trabalho. Enquanto metade dos alunos que estão a frequentar o mestrado já tiveram a oportunidade de exercer a profissão, na licenciatura apenas 9 dos alunos tiveram essa experiência.

Após a caracterização dos estudantes que responderam ao questionário, passemos a analisar as suas opiniões.

Diagnóstico

Quando solicitados a fazer o diagnóstico da profissão, os estudantes foram questionados sobre três domínios: os valores que a orientam, a relevância social que tem, e as práticas que se executam. Relativamente aos valores, a maioria dos estudantes acha que o jornalismo tem perdido credibilidade (61 estudantes). Grande parte (42) considera que os jornalistas infringem a ética e a deontologia profissional, embora aqui as opiniões estejam muito divididas, uma vez que 34 discordam ou discordam totalmente. A censura no jornalismo é igualmente percebida de modo distinto, dado o número de estudantes que a reconhecem e que a negam é exatamente igual - 36; ainda há 23 que nem concordam nem discordam com a existência de censura. Apesar disso, a larga maioria reconhece que o jornalismo é um dos bastiões da democracia, 85 estudantes (Tabela 1).

	Concordo totalmente	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo totalmente
O jornalismo tem perdido credibilidade.	14	47	15	16	2
Os jornalistas infringem frequentemente princípios éticos e deontológicos	5	37	18	31	3
Há censura no jornalismo.	4	32	23	33	3
O jornalismo é um garante da democracia.	59	26	4	3	2

Tabela 1: Diagnóstico: Os valores do jornalismo

Fonte: Elaborada pelas autoras

A relevância social do jornalismo é igualmente reconhecida, tendo em conta os *itens* definidos no inquérito. O aspeto menos positivo é a remuneração, apontada por 80 estudantes, que consideram que o jornalismo não é uma profissão bem remunerada. Já o reconhecimento do estatuto social da profissão é apontado por 41. O jornalismo é ainda tido como sendo importante para a tomada de decisão das pessoas sobre vários aspetos da sua vida (com 87 de respostas), o que reforça a

importância da agenda e a percepção do papel que os jornalistas continuam a ter, neste domínio (Tabela 2). Embora considerem que a profissão não é bem remunerada, nem tem o reconhecido estatuto social, os alunos, ainda assim, fazem um diagnóstico positivo quanto à importância do jornalismo como veículo de informação para que a sociedade possa tomar decisões conscientes e consequentemente ser um pilar da democracia.

	Concordo totalmente	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo totalmente
O jornalismo é uma profissão com reconhecido estatuto social.	7	34	21	26	6
O jornalismo é uma profissão bem remunerada.	0	2	12	45	35
O jornalismo é importante para as pessoas tomarem decisões sobre vários aspetos da sua vida.	50	37	4	2	1

Tabela 2: Diagnóstico: Relevância social

Fonte: Elaborada pelas autoras

Aspeto relevante é a clara distinção, ao nível das práticas, que os estudantes fazem entre os conteúdos que pertencem ao território do jornalismo e os de outras profissões (68 reconhece-o), e do uso cada vez mais recorrente das redes sociais como fonte de informação (70 respostas) (Tabela 3).

	Concordo totalmente	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo totalmente
Os jornalistas produzem conteúdos diferentes dos de outros profissionais da comunicação.	30	38	15	8	3
Os jornalistas utilizam cada vez mais as redes sociais como fonte de informação.	24	46	12	9	3

Tabela 3: Diagnóstico: Práticas profissionais

Fonte: Elaborada pelas autoras

As opiniões, perspetivas e expectativas dos inquiridos não diferem muito consoante os alunos sejam do 1º ou do 3º ano, de licenciatura ou de mestrado, tenham ou não experiência profissional. De acordo com os resultados obtidos pelo teste não paramétrico Mann-Whitney e considerando o nível de significância de 0,10, apenas foram identificadas diferenças de opinião, em relação às afirmações: 'Os jornalistas infringem frequentemente princípios éticos e deontológicos' ($z_{\text{Mann-Whitney}} = -1,993$ e $p=0,054$); 'O jornalismo é uma profissão com reconhecido estatuto social' ($z_{\text{Mann-Whitney}} = -1,815$ e $p=0,070$) e 'Os jornalistas utilizam cada vez mais as redes sociais como fonte de informação' ($z_{\text{Mann-Whitney}} = -1,737$ e $p=0,082$).

No que se refere à questão sobre se os jornalistas infringem frequentemente princípios éticos e deontológicos, os alunos de licenciatura apresentam uma maior tendência para concordar e os de mestrado para discordar (Figura 1).

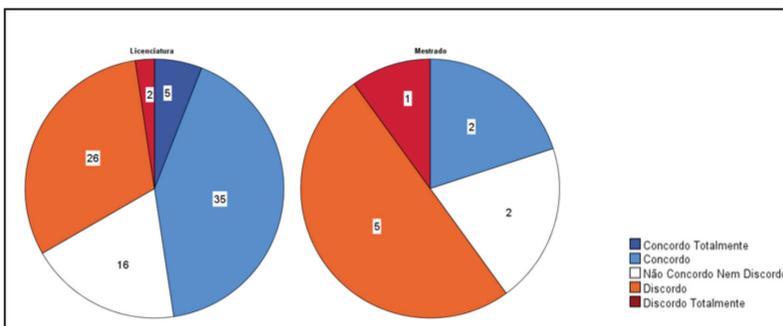


Figura 1: Os jornalistas infringem frequentemente princípios éticos e deontológicos
 Fonte: Elaborado pelas autoras

Mais de metade dos alunos do 1º ano concordam que o jornalismo é uma profissão com reconhecido estatuto social. Mas os alunos do 3º ano não são unânimes; as suas opiniões variam principalmente entre concordarem, discordarem, mas também não saberem se concordam ou discordam (Figura 2).

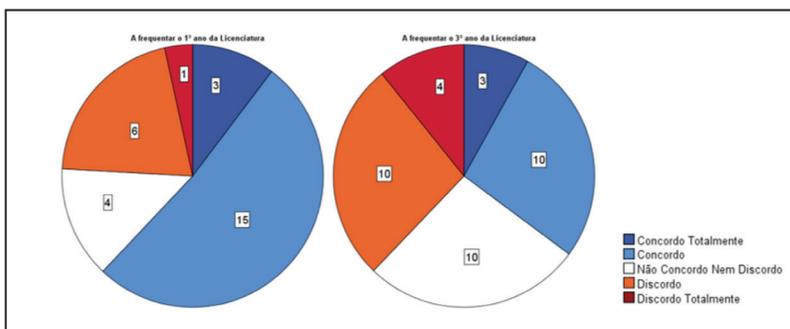


Figura 2: O jornalismo é uma profissão com reconhecido estatuto social
 Fonte: Elaborado pelas autoras

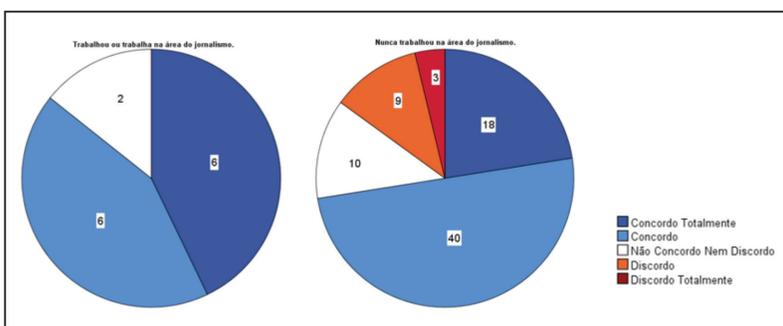


Figura 3: Os jornalistas utilizam cada vez mais as redes sociais como fonte de informação
 Fonte: Elaborado pelas autoras

Quanto ao uso das redes sociais todos, quer sejam alunos de licenciatura ou de mestrado, concordam que são usadas como fonte de informação. Contudo, existem ligeiras diferenças entre quem já trabalhou, que concorda totalmente ou concorda, e quem não trabalhou. Embora a grande maioria dos alunos que ainda não tiveram experiência profissional na área também concorde que cada vez mais as redes sociais são usadas, são também eles os únicos a discordar, ainda que residualmente, que existe esse aumento do recurso às redes sociais como fonte de informação (Figura 3).

Intenções

Quando passamos da dimensão de diagnóstico para a das intenções (onde os estudantes projetam a sua intervenção no espaço público como futuros jornalistas) é interessante notar que os inquiridos vaticinam uma perda de influência dos jornalistas no futuro: apenas 23 consideram que os jornalistas serão os principais influenciadores sociais. Se tivermos em conta que, na dimensão de diagnóstico, os inquiridos consideraram, por larga maioria, que o jornalismo é importante para a tomada de decisão na vida das pessoas, temos uma dissonância clara entre o que se entende ser o que é e deve ser o jornalismo e aquilo que se antevê que possa ser a capacidade de intervenção dos futuros profissionais na mudança da situação.

Essa perda de influência é, por outro lado, e de forma aparentemente contraditória, acompanhada da expectativa de que os jornalistas continuarão a dever vigiar todos os poderes públicos e privados (68 respostas) (Tabela 4) e de que o jornalismo será fundamental para a sobrevivência da democracia (83 alunos concordam ou concordam totalmente) (Tabela 5).

	Concordo totalmente	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo totalmente
Os jornalistas serão os principais influenciadores sociais.	4	19	24	39	8
Os jornalistas deverão vigiar todos os poderes públicos e privados.	25	43	19	4	3
Os investigadores académicos ajudarão cada vez mais os jornalistas a compreender o seu papel na sociedade.	14	41	28	6	5

Tabela 4: Intenções

Fonte: Elaborada pelas autoras

	Concordo totalmente	Concordo	Não concordo nem discordo	Discordo	Discordo totalmente
O jornalismo será fundamental para a sobrevivência da democracia.	50	33	8	2	1
A credibilidade continuará a ser o valor mais importante para o jornalismo.	40	36	7	9	2
A objetividade deixará de ser a grande máxima do jornalismo.	6	25	30	24	9
O jornalista no futuro terá mais independência e autonomia.	3	22	37	27	5
O jornalismo será profissionalmente mais satisfatório e gratificante no futuro.	1	16	40	31	6
O jornalismo sofrerá alterações nas práticas e conteúdos: contemplará outras formas de ser e fazer: mais freelancers, projetos independentes.	25	57	10	1	1
Os vínculos contratuais serão mais instáveis.	20	43	23	6	2
Jornalismo será mais stressante do que outras profissões.	28	38	23	4	1

Tabela 5: Expectativas

Fonte: Elaborada pelas autoras

Expectativas

Entre a dimensão do diagnóstico e a das expectativas verifica-se uma mudança na perceção sobre o peso de um dos valores base do jornalismo: a credibilidade. Existe, do ponto de vista das expectativas, a opinião de que a credibilidade continuará a ser o valor mais importante para o jornalismo (76 respostas), pese embora no diagnóstico os inquiridos terem indicado que o jornalismo tem vindo a perdê-la. Ou seja, está bastante enraizada a convicção de que este valor em perda deve ser recuperado como condição de sobrevivência do próprio jornalismo. Por sua vez, a objetividade, conceito cuja definição e aplicação tem cedido espaço relativamente às noções de transparência e equidade, continuará esbatida como grande máxima do jornalismo. A perda de independência e autonomia e a menor satisfação e gratificação com o trabalho desenvolvido pelos jornalistas são indicadores negativos relativamente ao modo como o jornalismo emergirá da atual desordem política e cívica do espaço público. Embora alguns alunos se identifiquem com estas ideias, grande parte ainda não tem uma opinião formada uma vez que assinalou a opção não concordo nem discordo (37 no caso da autonomia e independência e 40 quanto à satisfação e gratificação). A estas expectativas estão ligadas as convicções de que os vínculos contratuais serão mais instáveis, de que o jornalismo será mais stressante do que outras profissões (63 e 66 alunos, respetivamente) e de que haverá, neste contexto, lugar para o surgimento de novas formas de jornalismo, sendo a convicção de 82 dos inquiridos (Tabela 5). Este é o único aspeto em que se nota que a perceção, por parte dos estudantes de jornalismo da ESCS, sobre o modo como se faz jornalismo hoje irá diferir da forma como se fará no futuro.

Por fim, e como referimos anteriormente, no final do questionário os respondentes poderiam utilizar um campo destinado a comentários, sugestões ou esclarecimentos. Os únicos comentários, muito breves, de duas alunas de licenciatura e dois alunos de mestrado (todos sem experiência de trabalho) sublinham a preocupação com a defesa da verdade - em perigo, na torrente de informações veiculadas nas plataformas digitais -, considerada condição indispensável para a recuperação da credibilidade do jornalismo.

Conclusão

O estudo realizado, ainda que com uma dimensão exploratória face ao estudo mais alargado onde se integra, revela claramente que existe uma leitura – por parte dos estudantes - do que é o jornalismo muito marcada pelo contexto laboral e por um conjunto de práticas menos abonatórias sinalizadas no campo jornalístico, mas também fora dele, por agentes de desinformação exteriores à profissão. No entanto, essa leitura negativa, que refere a perda de credibilidade e deixa antever alguma descrença quanto ao papel que os futuros profissionais têm para mudar este cenário, não se reflete naquilo que é o reconhecimento da importância do jornalismo na sociedade: ele é um garante da democracia, espera-se que vigie e ajude a escrutinar os diferentes poderes.

O desencontro entre as percepções sobre o jornalismo praticado atualmente e as expectativas sobre o jornalismo que acolherá estes estudantes deverá questionar-nos sobre o papel das instituições de ensino. Note-se que as percepções dos estudantes do 1º e do 3º ano de licenciatura, e sobretudo dos que já têm acesso ao mercado de trabalho, são menos negativas do que as daqueles que se encontram a meio do percurso académico. Em que momento e em que circunstâncias do processo formativo os estudantes desenvolvem uma visão mais negativa sobre o jornalismo? Estará a academia a exacerbar os obstáculos, as fragilidades e a falência de um certo tipo de jornalismo que os futuros jornalistas já não vão conhecer? A transformação parece fazer parte das expectativas destes estudantes, se tivermos em conta que 82 (75 dos 84 alunos de licenciatura e 7 dos 10 alunos de mestrado) defendem que ela ocorrerá nas práticas e nos conteúdos jornalísticos. Faltará perceber se isto significa que encaram esse futuro com esperança ou como uma fatalidade; se se projetam como agentes de mudança e de revitalização do jornalismo ou se a resignação já está anunciada.

Seja como for, acreditamos que, apesar de todos os constrangimentos, a profissão de jornalista continuará a ter os seus valores próprios e “uma identidade profissional, isto é, um *ethos*, uma definição da maneira como deve ser (jornalista)/estar (no jornalismo)” (Traquina, 2002, p.131).

Referências bibliográficas

Blaagaard, B. B. (2013). Shifting boundaries: Objectivity, citizen journalism and tomorrow's journalists. *Journalism*, 14(8), 1076–1090. doi:10.1177/1464884912469081

- Deuze, M. (2005). What is journalism? Professional identity and ideology of journalists reconsidered. *Journalism*, 6(4), 442–464. doi:10.1177/1464884905056815
- Campones, C., Miranda, J., Fidalgo, J., Garcia, J. L., Matos, J. N., Oliveira, M., ... Silva, P. A. (2020). *Estudo sobre os Efeitos do Estado de Emergência no Jornalismo no Contexto da Pandemia Covid-19*. Relatório. Lisboa: Sopcom. <https://jornalistas.eu/webdev/wp-content/uploads/2019/11/Relatório-COVID-19-Jornalismo.pdf>
- Coelho, P. (2014). A formação académica para o jornalismo do século XXI: sobre questões de prática e técnica. *Jornalismo e mercado - os novos desafios colocados à formação* (Tese de Doutoramento). Disponível em <http://hdl.handle.net/10362/12109>
- Fidalgo, A. (2001). O ensino do jornalismo no e para o século XXI. BOCC <http://www.bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-antonio-ensino-jornalismo-internet.pdf>
- Garcia, J. L. (Org.). (2009). *Estudos sobre os Jornalistas Portugueses. Metamorfoses e encruzilhadas no limiar do séc. XXI*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Hovden, J.F., Nygren G., & Illiacus-Tikkanen, H. (Eds.). (2017). Becoming a Journalist: Journalism Education in the Nordic Countries. *European Journal of Communication*, 32(3), 287–288. doi:10.1177/0267323117711752a
- Marinho, S. (2015). Formação em jornalismo numa sociedade em mudança: modelos, percepções e práticas na análise do caso português (Tese de Doutoramento). Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/19819>
- Mellado, C. et al. (2013). The pre-socialization of future journalists - An examination of journalism students' professional views in seven countries. *Journalism Studies*, 14 (6), 857–874. doi:10.1080/1461670X.2012.746006
- Meditsch, E. (1997). O jornalismo é uma forma de conhecimento? Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Covilhã: Universidade da Beira Interior. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.html>
- Mesquita, M. (2003). *O Quarto Equívoco – O Poder dos Media na Sociedade Contemporânea*. Coimbra: MinervaCoimbra.
- Milojevic, A. et al (2016). The Future of Journalism as a System, Profession and Culture: The Perception of Journalism Students. *Medijska istraživanja*, 22(2), 83-105. doi:10.22572/mi.22.2.5
- Miranda, J., & Gama, R. (2019). Os jornalistas portugueses sob o efeito das transformações dos media. Traços de uma profissão estratificada. *Análise Social*, (230), 154-177. doi:10.31447/AS00032573.2019230.07
- Nygren, G., Degtereva, E., & Pavlikova, M. (2010). Tomorrow's journalists: Trends in the development of the journalistic profession as seen by Swedish and Russian students. *Nordicom Review*, 31(2), 113–133. doi:10.1515/nor-2017-0133
- Picard, R. G. (2015). Journalists' Perceptions of the Future of Journalistic Work. Report for the *Reuters Institute for the Study of Journalism*. <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/our-research/journalists-perceptions-future-journalistic-work>
- Pinto, M., & Sousa, H. (1999). Journalism education at Universities and journalism schools in Portugal. BOCC - <http://www.bocc.ubi.pt/pag/pinto-manuel-sousa-helena-ensino-jornalismo1.pdf> *Resolução Final do 4º Congresso dos Jornalistas Portugueses*. 4º Congresso dos Jornalistas Portugueses. 16 de janeiro de 2017. <https://www.clubedejornalistas.pt/?p=13273>
- Sousa, J.P. (2011). A discussão sobre a introdução do ensino superior do jornalismo em Portugal: das primeiras menções ao primeiro curso de graduação. BOCC - <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-adiscussao-sobre-a-introducao-do-ensino-superior-do-jornalismo-em-portugal.pdf>

- Schudson, M. (2003). *Sociology of News*. New York: W.W. Norton.
- Traquina, N. (2001). *O Estudo do Jornalismo no Século XX*. Vale do Rio dos Sinos: Unisinos.
- Traquina, N. (2002). *O que é Jornalismo*. Lisboa: Quimera.
- Zelizer, B. (2000). 'What is Journalism Studies?'. *Journalism* 1(1), 9–12. doi:10.1177/14648849000100102
- Zelizer, B. (2005). Definitions of Journalism. In G. Overholser and K. H. Jamieson (Eds.), *Institutions of American Democracy: The Press* (pp. 66-80). New York: Oxford University Press.

Notas biográficas

Anabela de Sousa Lopes é Professora Coordenadora da Escola Superior de Comunicação Social, do Instituto Politécnico de Lisboa, onde coordena o Curso de Licenciatura em Jornalismo. É investigadora integrada do Instituto de Comunicação da NOVA – ICNOVA

Ciência ID: 7B1B-2E0B-21BC

ORCID iD: 0000-0002-6587-1427

Email: alopes@escs.ipl.pt

Morada institucional: Campus de Benfica do IPL, 1549-014 Lisboa, Portugal

Cláudia Silvestre é Professora Adjunta Escola Superior de Comunicação Social, do Instituto Politécnico de Lisboa. É Presidente do Conselho de Representantes e coordenadora da Secção de Estatística. Membro associado do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Business Research Unit (BRU-IUL), Lisboa, Portugal.

Ciência ID: DA12-EF3F-C7CD

ORCID iD: 0000-0002-8850-4304

Email: csilvestre@escs.ipl.pt

Morada institucional: Campus de Benfica do IPL, 1549-014 Lisboa, Portugal

Maria José Mata é Professora Adjunta da Escola Superior de Comunicação Social, do Instituto Politécnico de Lisboa, onde coordena o Curso de Mestrado em Jornalismo. É investigadora integrada do Instituto de Comunicação da NOVA – ICNOVA.

Ciência ID: 1D1C-1B70-6F29

ORCID iD: 0000-0002-3819-4459

Email: mmata@escs.ipl.pt

Morada institucional: Campus de Benfica do IPL, 1549-014 Lisboa, Portugal

* Submetido | Received: 2020.08.16

* Aceite | Accepted: 2020.09.15